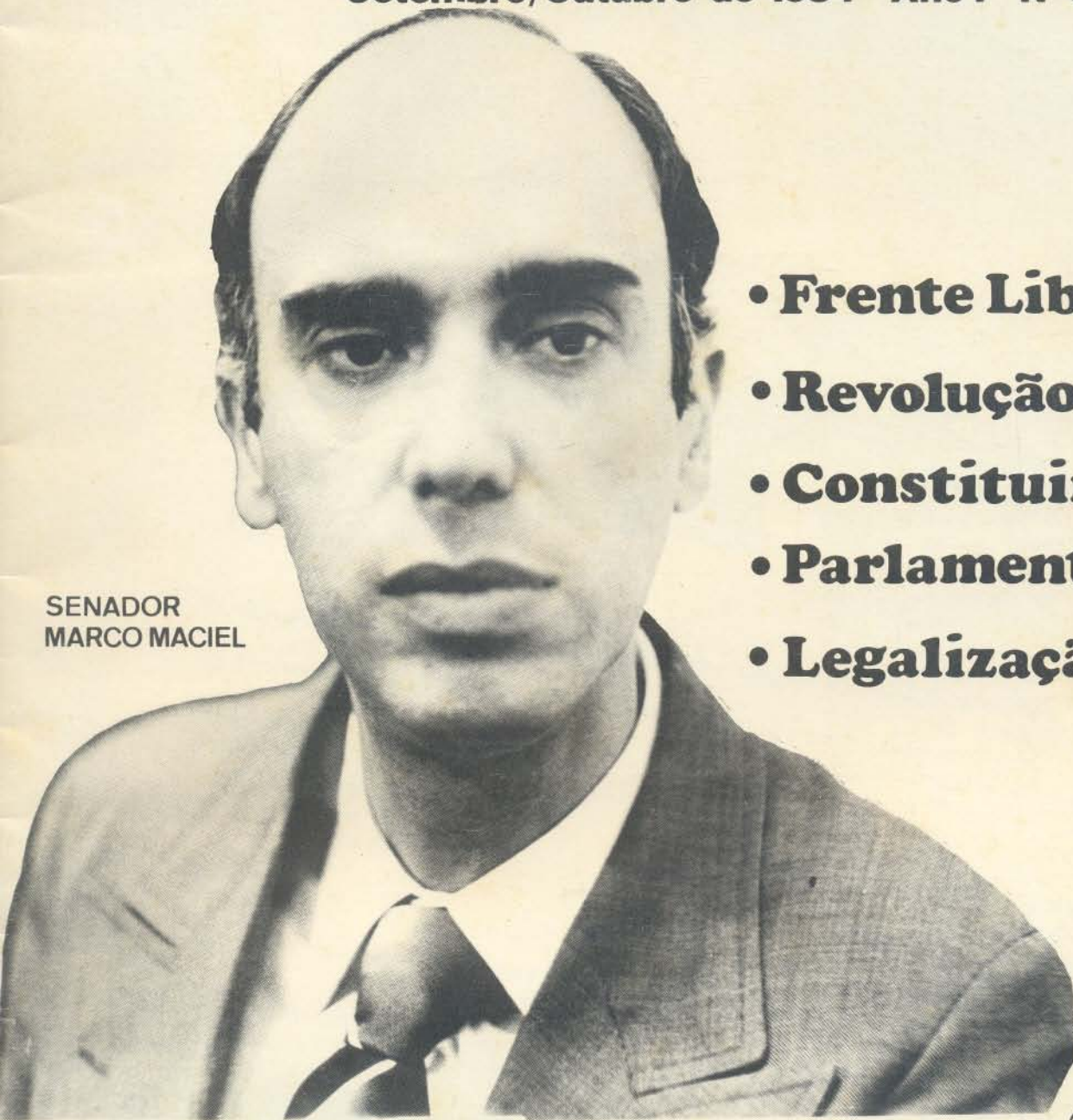


**JOSE INACIO
E A AGRICULTURA
NO NORDESTE**

REVISTA

AGRESTE

Setembro/Outubro de 1984 • Ano 1 • Nº 3 • Cr\$ 1.500



**SENADOR
MARCO MACIEL**

- **Frente Liberal**
- **Revolução de 64**
- **Constituinte**
- **Parlamentarismo**
- **Legalização do PC**

CAPA CLAUDEVAN

• **EMTU
orienta usuário**

• **O flagelo da seca
no Nordeste Brasileiro**

• **Muda Nordeste
O programa de Tancredo**

Índice

Entrevista Exclusiva – Marco Maciel	3
Cartas	7
Ao Leitor	8
Falou ou Disse	10
Especial – O Programa de Tancredo	12
Regional: Umas e Outras	14
O Agreste e Seus Representantes na Assembléia Legislativa	16
Entrevista: José Inácio	18
EMTU	20
Agricultura: Sul, Sudeste e Nordeste – Disparidades Regionais	25
O Flagelo das Secas no Nordeste Brasileiro	26
Cultura – Geraldo Azevedo / Beleza Agreste	28
Esporte – Central, Ainda uma Promessa	29
Idéias – A Problemática do Semi-Árido e a Busca de Soluções	30
História – Gravatá	32
Economia – O Brasil e a Dívida Externa	34
Pesquisa – Ocupação Humana no Semi-Árido Nordestino	36
Posicionamento – Qualquer Coisa.	38

Sr. Prefeito. Bem que a sua Prefeitura podia arrecadar mais.

Os tributos são lançados ao tempo certo e com absoluta exatidão. A prefeitura tem total liberdade para definir a forma de tributação que melhor lhe convém. Pode fazer simulações antes do lançamento para avaliar o total a arrecadar e o impacto dos critérios adotados. É possível utilizar plantas de valores que espelhem corretamente as características de cada rua da cidade, permitindo maior justiça na tributação.

O sistema centraliza todos os tributos e taxas - IPTU, ISS, Melhorias, Dívida Ativa - criando um perfeito controle que, por sua vez, resulta em arrecadação mais eficiente.

Cuidar bem dos contribuintes pode ser feito a baixo custo, com rapidez, precisão, segurança e economia de espaço.

Aumentar a arrecadação dos impostos municipais sem gerar descontentamento junto aos contribuintes é, sem dúvida, o grande sonho de todo administrador.

O Prefeito José Queiroz, de Caruaru, já conta com a gente.



procenge

Estrada do Arraial, 3108 - Fone: (081) 268-2877
Telex: (081) 1841 - CEP 50.000 - Recife - Pernambuco

PROCESSAMENTO DE DADOS E
ENGENHARIA DE SISTEMAS LTDA.

OCUPAÇÃO HUMANA NO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO

Uma revisão na história da ocupação do Nordeste brasileiro a partir de 1.500, revela uma sucessão de períodos marcados por estiagens prolongadas, ou mesmo por períodos em que a distribuição irregular das chuvas se mostra ainda mais acentuada. Estes períodos constituem "as secas". Seus efeitos sobre as populações humanas conduzem necessariamente a um processo de reavaliação do problema, dos conceitos estabelecidos, das medidas adotadas. Neste processo, de reavaliação, via de regra, não se inclui um reestudo das causas que determinam o processo, sob o enfoque dos fatores humanos. Comumente são abordados fatores de ordem física, como determinantes daquele estado que poderia ser considerado como de inadaptação do homem ao meio semi-árido. Inadaptação humana, é bom que se frise, ou dos elementos introduzidos pelo homem, pois, "a Caatinga é determinada por uma notável adaptação ao clima seco, às chuvas irregulares". (Cailleux e Tricart, 1959:13).

As propostas de solução apresentadas para a questão do semi-árido nordestino, geralmente partem de algumas premissas mais ou menos determinadas. A primeira delas se refere à conclusão de que as condições ambientais são desfavoráveis à vida, ou no mínimo à vida humana. A segunda se prende à conclusão de que o elemento preponderante na desfavorabilidade, se centra em última análise no regime hídrico dominante na região. Estas duas premissas conduzem à busca de soluções que possam vir a contornar o problema detectado: a deficiência hídrica. O que talvez não se tenha procurado admitir é que a condição de região semi-árida é inerente ao clima, com específico regime hídrico; que o quadro do Nordeste brasileiro não é único, enquanto semi-árido, mas faz parte de um contexto mais amplo no mundo, que abrange tanto latitudes boreais, quanto austrais. Faz-se mister admitir ainda que estas faixas semi-áridas no mundo, representam uma porção signifi-



Por que se buscar soluções de tornar úmido o semi-árido, em lugar de desenvolver a aptidão de usufruir plenamente das disponibilidades que o ambiente oferece?

cativa das terras emersas, das terras agriculturáveis. Se por um lado estas faixas semi-áridas da Terra, tanto no hemisfério Sul, quanto no hemisfério Norte, são determinadas por condições gerais de distribuição das faixas de ar límpido, estável, (Latitudes de Cavalos), aspectos locais, tais como a distribuição das terras em relação às massas de água, à latitude, à topografia (altitude); todos estes aspectos caracterizam, individualizam cada semi-árido. E, o aspecto que nos parece o ponto central da questão: todas estas considerações deveriam levar a entender o se-

mi-árido como tal; uma região com suas características de temperatura, de regime hídrico, de solos. Tentar buscar soluções que se baseiem em alterar qualquer destas características, não nos parece sensato, como, provavelmente, não se pensaria sensato "tropicalizar" (aquecer em termos de ambiente amplo) as terras nórdicas, ou antárticas. Por que então se buscar soluções de tornar úmido o semi-árido, em lugar de desenvolver a aptidão de usufruir plenamente das disponibilidades que o ambiente oferece, conduzindo a convivência a um patamar de ajuste, de apoio recíproco?

O homem há pelo menos 10.000 anos aprendeu a interferir, a modificar a natureza "em seu próprio benefício". O acúmulo e a prática destes conhecimentos lhe permitiram uma amplitude territorial, como espécie, praticamente não superada por outro ser vivo. Graças à cultura, o homem pôde se distribuir, ocupar desde as terras geladas das altas latitudes, às terras tropicais; tornou-se apto a viver ao nível do mar, e nas grandes altitudes. Pôde desenvolver comunidades em áreas extremamente úmidas, paludosas, assim como em regiões desérticas.

A capacidade adaptativa somática incorporou-se os recursos de adaptação cultural. Mas a experiência humana se baseou na busca de soluções que ajustassem suas necessidades de vida, às condições oferecidas pelo ambiente. Nas diferentes regiões foram desenvolvidos padrões que permitiram a obtenção ou a produção de alimentos; o excedente de produção liberou em parte o homem para outras atividades. Mas o ponto comum que une estes padrões é a diversidade, a quase originalidade da solução adotada. Este caráter diverso, que particulariza cada solução, se pode atribuir a uma seleção conduzida por sem número de êxito e de desacertos nas experiências, nas soluções tentadas. O êxito se correlaciona à utilização de práticas que permitam uma concordância entre as necessidades humanas e as dispo-

nibilidades oferecidas pelo meio. "... o homem reagindo sobre o meio, modifica a cada passo a sua ambiência natural; mas é igualmente certo que as técnicas de que se vale para isto devem adaptar-se às exigências do meio". (Andrade, 1973:248).

Ao ajustar o homem ao meio, e ainda que de forma incipiente, o meio às necessidades humanas, a cultura assumiu a aparência de um grande mosaico, onde cada resposta, cada solução, enfim, cada conjunto de práticas, é único.

Muitos êxitos alcançados não tiveram um caráter duradouro; ao longo do tempo sofreram influências internas e externas, que exigiram novas soluções, ou que levaram a uma desagregação. Experiências positivas de vida efêmera, decorrem muitas vezes de uma falsa identificação do problema pela comunidade. Talvez até de um não discernimento entre as causas e os efeitos em que a proximidade, a reciprocidade na atuação é de tal ordem, a não permitir uma fácil dissociação entre eles.

O domínio da produção de alimentos, o controle de determinados elementos essenciais ao estabelecimento humano, como o abrigo, a continuidade de recursos alimentares, propiciou o incremento das populações, possibilitou o aumento da densidade demográfica, o tempo excedente, a especialização nas atividades, enfim, toda uma sucessão de condições, que levaram a uma complexidade cultural cada vez maior.

Fomentou-se ainda, dentro deste mesmo ciclo, o intercâmbio entre os grupos. Intercâmbio, que mais recentemente atingiu o âmbito das idéias, e ainda das "necessidades". Se este intercâmbio trouxe uma rápida e salutar troca de experiências, a possibilidade de se superar etapas de experiências, este mesmo intercâmbio provocou uma tendência à uniformização de conceitos, a uma quase que tendência de uniformização cultural. Se por um lado esta tendência à uniformização de padrões poderia concorrer para uma elevação de padrões de vida, pelo somatório das experiências humanas, por outro lado, esta tendência nega a preocupação à adequação da vida ao meio. Não preocupação que se reflete através da transposição de conceitos, de práticas e mesmo de "necessidades", para regiões diferenciadas físicas (meio ambiente) e culturalmente.

Voltando à questão inicialmente tratada, que se refere à conceituação do "problema do Nordeste", e sua caracterização, ou seja, a identificação das causas de inadaptação dos padrões vigentes na região, é fundamental enfocar a bus-

ca de soluções que garantam não apenas a sobrevivência das populações humanas da região, mas que lhes permitam manter um ciclo de vida estável. "A solução ou as soluções buscadas para o semi-árido não serão jamais encontradas se a procura persiste na tentativa de equacionar erros e conceitos secularmente transplantados para aquela região." (Albuquerque, 1984:34).

Um dos grandes problemas enfrentados pelas "soluções" adotadas, se fixa no fato de que em sua maioria se baseiam em experiência de áreas temperadas, e mais ainda, sob condições úmidas, a utilização de experiências do mundo temperado para a realização tropical, não se restringe ao semi-árido. A prática, em função de uma colonização por parte de grupos oriundos de regiões não tropicais, se dispersou por toda a região tropical brasileira.

Megers (1977:39) chama a atenção para o fato de que a multiplicidade espécies, coexistindo em interação, cede lugar a uma prática agrícola mono-específica, conduzindo a um rápido empobrecimento do solo, pela quebra do equilíbrio estabelecido.

Sobre esta "colonização temperada", Gourou (1975:31) considera que "Trata-se, em suma, de uma colonização técnica, científica e organizacional do mundo tropical, pelo mundo temperado". Por outro lado, a questão hídrica tem recebido tratamento ainda mais radical. Se a questão dos efeitos dos índices térmicos sobre os solos é muitas vezes negligenciado nas práticas agrícolas, o regime hídrico do semi-árido é considerado como fator indesejável, e passível de alteração." A falta d'água tem sido a tônica constante na maioria dos projetos elaborados virtualmente sob uma ótica úmida. Entretanto, ao nosso ver, a procura das soluções deveria orientar-se por uma constatação e aceitação de uma realidade hídrica" (Albuquerque, op cit).

Não se entenda deste ponto de vista, uma visão radical, antitecnológica, meramente telúrica. Não nos posicionamos contra a adoção de uma tecnologia moderna que venha a reestruturar os padrões vigentes. Discordamos é da identificação do "problema". Não concordamos que o problema seja a falta d'água em si, ou a irregularidade de sua distribuição, assim como discordamos de que a solução esteja vinculada a um maior volume de água. Acreditamos que o Nordeste brasileiro deva ser entendido em conjunto com suas características edafo-

climáticas. Que deva como tal ser tratado, ser pesquisado. Concordamos também que a busca de soluções se dê em âmbito de conquistas tecnológicas, de uma tecnologia mais ampla, embasada no conhecimento como um todo, sistêmico, que não descure das implicações e dos riscos que representa o manuseio, simplista de uma variável, sem atentar para as reações e custos (não apenas financeiros) que advirão desta prática.

Enfocando a questão do Nordeste semi-árido do Brasil, poderia-se estabelecer um paralelo entre o que é tradicionalmente reconhecido como o "problema", ou seja, a disponibilidade de recursos hídricos, e o que poderíamos chamar de fator limitante para a cultura aí implantada através da colonização portuguesa. Seria, portanto, o caso de se entender a questão não como limitação biológica - as espécies nativas ali implantadas não se ressentem do problema -, mas como de limitação cultural. Em se tratando de um fator limitante à cultura, a forma de ser encarado, a maneira de se tentar contorná-lo não seria talvez a melhor opção a de se tentar modificar substancialmente um dos componentes primários do quadro físico. Modificação que teria necessariamente de ter expressão significativa em termos de área; modificação que não se faria impunemente sem provocar outros desequilíbrios conseqüentes. Poderia-se talvez encarar o quadro de maneira diversas: contornar a situação tentando retirar do "problema recurso hídrico", a importância que se lhe atribui. Isto, buscando-se implantar práticas culturais, práticas de produção como base em princípios diferentes dos atualmente em uso. Buscando-se adotar não uma agricultura ou uma pecuária desenvolvida sob uma experiência temperada, estruturada para uma outra realidade de ambiente, mas procurando com base na longa história de desacertos e alguns êxitos que se desenrola na região as linhas mestras que direcionarão o forjamento de uma cultura realmente compatível com a ecologia regional. Além de se buscar subsídios na experiência humana da região, não se pode descuidar da vitoriosa seleção natural, que atuando durante milênios nos legou um "stok" genético, tanto em animais quanto em vegetais, capaz de, em sendo trabalhado, selecionando agora com vistas a sua utilização pelo homem, vir a constituir as bases de uma segura fixação do homem no Nordeste semi-árido do Brasil.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

LUCENA, Velda. Ocupação humana no semi-árido nordestino. **Agreste**, Recife, n. 3, p. 36-37, set./out., 1984.